



O conto e os poemas

Versus da sociedade

Autor: Ed Ramos

www.edramos.prosaeverso.net

"Oneroso é o preço da nossa jura

Pois há um cofre gigante

Que acumula o montante,

Sugo das miseráveis criaturas"

O Coma

Era uma tarde de domingo de junho dos anos 70 e uma importante partida de futebol nas terras mexicanas deixava o povo brasileiro eufórico após o soar do apito final. O Brasil se tornara tricampeão do mundo. O céu da cidade maravilhosa era recheado de balões coloridos e o clima tropical garantia o percurso das figuras aéreas que com o verde, o amarelo, o azul e o branco desfilavam entre as nuvens. Noventa milhões em ação comemoravam o feito da paixão nacional e parecia ter nascido a oitava arte do mundo.

Uma laje desprotegida localizada na zona oeste e no subúrbio do Rio de Janeiro, próximo ao Gericinó, foi vilã de um acidente trágico com o torcedor que ao tentar empinar sua pipa canarinho para festejar a grande vitória brasileira caiu de uma altura de seis metros. Uma fatalidade que o deixou em coma por 44 anos. Sua jovem esposa, uma enfermeira recém-formada, foi fiel em acompanhá-lo durante dois anos, mas não suportou a revolução dos seus hormônios e se entregou a outros encantos causando indignação à família, e durante mais algumas décadas o ser moribundo permanecia ausente e em um sono aparentemente profundo.

Durante este tempo a evolução surpreendia o país com avanços tecnológicos e a autocracia dava lugar à democracia a ser o fim do despotismo. Uma explosão demográfica era assustadora e milhares de caras pintadas representavam a luta do povo, explorado pelo capitalismo. Um impeachment representava a esperança dos brasileiros que acreditavam no partido que representava o labor. Trabalhadores foram eleitos para desempenharem papéis importantes no Congresso e estudantes tecnicistas se transformavam em doutores devido ao campus de Universidades serem distribuídos pelo país inteiro dando oportunidade à classe pobre. Concursos públicos quebravam um paradigma do passado e a economia ascendia cada vez mais. Surgia a globalização, impulsionada pelo salto da tecnologia, e as pessoas se integravam mundialmente. O mundo estava ficando aos pés do desenvolvimento e inúmeras novidades apareciam no mercado para facilitar a vida dos usuários. Shoppings Centers eram instalados em toda a cidade e o consumo dominava homens e mulheres determinados a usufruir das melhores vestimentas.

Fernando, o paciente inconsciente, continuava recebendo visitas de sua mãe e do seu único filho. Ele ouvia preces não processadas pelo seu cérebro, porém acatadas por Deus que com sua onipotência determinava em segredo o dia em que aquele homem retornaria para o seu lar.

Passaram-se quatro décadas e quatro anos e um movimento em seus dedos anunciava o despertar do perseverante sujeito oculto revelando para o mundo o grande milagre da ciência: “Homem acorda do coma após anos”. Sua pele estava envelhecida, porém seus sentidos não foram muito alterados, pois entendia da saudade que sentia dos seus familiares e ansiava pelo encontro dos seus, mesmo sabendo que não mais os reconheceria.

A cidade tinha as mesmas cores do passado e a perspectiva da conquista do hexa juntava-se a volta tão desejada daquele pai de família. Fora preparada uma festa para a chegada do senhor de setenta anos de idade, que após um severo tratamento fisioterápico estava disposto a viver o mundo novo, totalmente modificado. Júnior, seu filho, estava eufórico com a incumbência de ir buscá-lo e ao chegar ao centro de recuperação do hospital não se conteve de tanta emoção ao abraçar o seu pai com tanta robustez que os médicos tiveram que intervir para que não houvesse nenhum tipo de exagero físico-emocional em ambas as partes. Após

alguns segundos de silêncio, um pequeno discurso era enunciado:

- Pai.

- Meu filho! Como está parecido comigo! É o meu espelho!

- Pai. Foi um verdadeiro milagre. Tenho tantas coisas pra te dizer.

- Meu filho. Onde está a sua mãe?

O rapaz estava preparado para esta pergunta e mais que depressa respondeu:

- Ela não veio, mas todos estão ansiosos por sua chegada, o táxi está nos esperando.

E o incólume homem com seus passos lentos se aproximava do transporte e admirando o veículo indagava:

- Que automóvel bárbaro! Parece uma nave espacial!

Ele não tinha a noção do avanço automobilístico e ao olhar em volta, viu uma frota amarela de pequenas naves e ao ver o condutor falar no celular, sua cabeça começou a querer dar um nó. Seu filho então passou a narrar as modificações concretas do novo âmbito para que ele entendesse o quanto tempo ficara ausente da sociedade. A sua visão panorâmica iniciava-se pela praia do Flamengo que continuava intacta. Menores naves espaciais de outros modelos circulavam pelas ruas o deixando admirado pela beleza de seus designers. O Museu de Arte Moderna nunca lhe chamara a atenção e foi despercebido tal qual o aeroporto, mas ao chegar próximo ao Cais do Porto ficou abismado com a transformação que vira: "Um cais revitalizado e uma perimetral demolida."

Imaginou quanto dinheiro haveria sido gasto e o seu subconsciente o levou a lembrar de que era um comunista e preocupado com as palavras falou baixinho ao ouvido de Júnior:

- Filho. Dava pra fazer cinquenta hospitais e escolas.

O filho respondeu serenamente:

-Pai. Não precisa se preocupar com as palavras.

-Acabou a Ditadura e todos têm a livre liberdade de expressão.

O taxista esbravejou:

- Este país é uma m... Só tem ladrão na política.

- Podia juntar todos e jogar no mar.

Ouviu-se a primeira gargalhada do velho Fernando e a certeza de que sua saúde estava bem, pois seu oxigênio era absorvido ainda mais pelos seus pulmões. E dava a continuidade àquele percurso que prometia mais surpresas. O início da Avenida Brasil, próxima a Rodoviária, era congestionado e uma tela no interior do carro era definida para serem transmitidas as condições de tráfego e os planos de escapada. Uma linha vermelha era uma opção mais confortável e evitou que o "mais novo morador" da cidade testemunhasse magnatas circulando seus magníficos modelos zero quilômetro entre os cracudos seres ignorados pela sociedade. Durante a rota de fuga, viu-se uma tenda enorme na margem do outro lado da baía que indicava o lugar dos prazeres dos flagelados moradores de Ramos. Chegando bem próximo a baixada fluminense, o motorista retornou ao acesso da Avenida Brasil e o passageiro iniciou uma contagem do número de passarelas instaladas ao longo da via.

Enfim, uma hora se passou e na altura de Realengo, a viatura entrou em uma rua à direita. Era uma via de sarjetas pintadas de esperança e alegria. Inclínados postes de luz enfeitados por bandeirinhas e entrelaçados fios de gatos completavam a alegoria e fixada a um arco de metal, uma placa lhe chamara a atenção:

"Bem vindo a Comunidade do Latão"

Fernando pasmado questionou:

- Onde nós estamos? Que lugar é este? Quero ir para a minha casa!

Seu filho, constrangido com a decepção do pai, respondeu:

- Pai. É o nosso bairro. Ele virou uma comunidade enorme e tem até subprefeito.

- Que comunidade? Na minha época isto se chamava favela.

- Não pai, a população aumentou e aqui o crescimento urbano foi totalmente desorganizado.

- Tô vendo! Casas em cima de casas, vielas desalinhas e aqueles barracos no terreno baldio parecem que estão marcando território!

- Calma pai. Quando chegarmos a nossa casa, o senhor irá descansar e aos poucos entenderá toda a situação.

Dona Léa, uma senhora de noventa anos, estava sentada em sua cadeira de balanço fazendo emendas quando avistou o seu menino retirando-se do táxi que parara a sua porta e sua emoção quase não a deixou abraçá-lo. O sentimento de Fernando era de que a sua beleza era semelhante ao dia em que ele partiu e suas mãos perfumadas não perderam o encanto. Deus havia lhe prometido a ordem natural das coisas. Promessa cumprida à matriarca e um vasto agradecimento com suas mãos erguidas ao céu para agradecer a mais preciosa benção de sua vida. Ele não resistia e chorava demasiadamente no colo de sua mama sentindo a sensação de que a vida estava começando. Após momentos de alegria, uma simples pergunta:

- Cadê Angélica?

- Ela não mora mais aqui conosco.

Fernando era um homem inteligente e nunca mais arriscara a tão perigosa pergunta.

Visitas se somavam aos curiosos e tiravam a paz daquele homem cansado que não via a hora de deitar numa rede e degustar da deliciosa sopa de macarrão de Dona Léa. De repente, uma deliciosa voz aguda entre tantos discursos sobre a perda do hexacampeonato lhe chamara atenção e ao olhar para baixo viu uma menininha de três anos de idade dizendo:

-Vovô Nando. Você é meu Vô?

Aquilo era uma maravilhosa surpresa. Não imaginara que um dia poderia ter seu sangue circulando nas veias de tão bela criatura, uma menina de olhos verdes, cabelos negros e cacheados. Um temporão com um sorriso encantador e com andar de saltos flutuantes e apimentados. Ela estava ornamentada de uniforme da seleção brasileira e uma grande e poderosa amizade surgia naquele instante.

A noite chegara e inúmeros dados tentavam confundir a sua memória e o sono breve estava por vir. A certeza do amanhecer era precisa e ao deitar-se recebeu três vezes adentrando em seu quarto que ordenadamente dizia:

- Bença Vô.

- Bença Pai.

- Deus te abençoe. Meu menino.

Descobriera que os seus valores não se alteraram. E dava continuidade à vida. O homem tentava se ajustar ao novo ambiente, à nova cultura formada. Parecia ser um animal selvagem tentando se adaptar ao seu próprio habitat. O seu dia a dia era preenchido por surpreendentes fatos vistos na tela fina ou na arriscada escapada pelas ruas do bairro. Um mundo catastrófico existia, era irreversível a situação da educação, da família, do meio ambiente. As pessoas não mais se respeitavam e cada fragmento urbano era liderado por monarcas do pó, patrocinados por poderosos líderes hipócritas que cometiam arbitrariedade com os

pequenos e aniquilavam a expectativa do sonho. Bolsas eram distribuídas para a pobreza e a incentivava a avolumar-se. E como dizia o poeta: “O poder não quer saber do saber”.

O velho cidadão estava indignado e somente a peraltice de Bia o fazia esquecer-se das iniquidades dos homens. O seu brincar contaminava a sua inspiração e a caneta e o papel transformava seus gestos em segredos escritos em forma de fábulas para que um dia ela pudesse saber a importância do amor incondicional.

Um despertar em sua mente o levou a uma agência de um Banco Federal para coletar informações sobre uma poupança que há quase cinquenta anos ele havia depositado uma pequena quantia relativa ao ganho de um bônus e um décimo terceiro salário. Era um belo montante que correu juros e correção monetária e fazia de Fernando um homem de situação financeira estável. Pensou em sair daquele local e se infiltrar junto com a sua família em novo antro cultural, mas sabiamente refletiu que não poderia mudar uma nata situação. Guardou segredo de suas cifras e postou-se com suporte financeiro da família caso houvesse a necessidade.

Em uma bela manhã, pássaros vindos da Serra do Gericinó ineditamente orquestravam-se em frente a sua janela em suave harmonia. O filho amado de Dona Léa levantou-se e ao entrar no quarto de sua mãe para cumprimentá-la com o seu doce pedido de benção a mirou em um sono derradeiro. Como um passarinho feliz ela realizava uma viagem ao céu para agradecer a Deus pela promessa cumprida de que jamais enterraria o seu filho e que a ordem natural das coisas é justamente o oposto. Ainda lhe restava a alegria da casa e Fernando repetia a Deus a petição de sua madre.

A barbaridade voltando à tona e adentrando-se em sua casa através da TV fez com que ele ignorasse para sempre o principal canal aberto. O sábio homem entendia que o novo poder tinha parceria com os meios de comunicação. As imagens do mundo eram visionadas, falsos profetas espalhavam-se entre o povo e a mídia fazia questão de mostrar através das telonas que havia inconformidades no livro sagrado. Romances eram citados, mas não eram lidos. Poemas eram musicados, mas não eram lançados. Liam-se apenas trabalhos feitos e gravavam-se apenas gritos. A cultura de massa enterrava a arte popular e quem teve a oportunidade de ler Machado e ouvir Elis poderia se considerar um ser aventureiro.

Em uma tarde de nuvens passageiras, Vô Nando se despediu de Bia. A sapeca garota estava mudando para a casa nova que Junior e sua mulher haviam comprado após anos de luta. A privacidade do casal deveria ser respeitada e visitas constantes seriam feitas a Fernando para que ele não se sentisse só em sua morada. O tempo foi passando e os pedidos de benção foram diminuindo devido à distância da moradia de seu filho. A péssima aptidão à tecnologia não conseguia atingir o êxito para a boa comunicação entre a família. A solidão o incomodava e vinha acompanhada de estrondosos bailes funks e tiros perdidos de raspados fuzis das forças. A nova sociedade tinha perdido valores sustentáveis da família e em sua mente brotou o poema:

Cidade Sitiada
Outrora havia retângulos de relva
Onde uma esfera a passear
Pelos pés das feras
Era uma rainha da selva

Ouvia-se o som do apito
E da pelota, o grito
Não se sentia a fobia
Percebia-se a calma
Havia Perdidos no Espaço
Uma lua de queijo
O namorar sem o beijo
E o maço de cigarros
Hodiernamente, eu vejo:
Os tetos sem gramas
O cortejo à grana
E o sitiar em decreto

Em segredo absoluto, aos oitenta anos de idade, o velho poeta adquiriu em um lugar distante, no meio da mata atlântica, uma casinha branca de varanda. Escreveu uma carta de despedida para os seus e voltou para o “coma” para todos os dias ver o sol nascer.

Poesia Concreta

Sou um arquiteto da poesia
de proposta de equações da arte
para que seja abolida a versificação
e que a linearidade se descarte

Destitui os versos em seu interior
Explorei ao máximos as possibilidades
que tenho de compor nos vazios
um poema silencioso

Expressei-me em forma de cubo
Aproveitei cada espaço
daquela folha em branco
e passo a passo desenhei o seu nome

uma imagem tácita
uma arte verbo visual
repeti o seu nome
em forma de espiral

Poema Concretista

Acordo

Estico o braço

Pego o aparelho celular

E vejo a sua imagem na tela

A me convidar para um bate papo

São duas horas da manhã no canto superior

E capciosas palavras entram por minha larga banda

E depois recebo diversos nudas a encher a memória volátil

Faço um upgrade em minha mente para poder armazenar o conteúdo

São suas as imagens de alta definição a se mover para o caminho dos terabytes

Estou pronto a te processar e executar as ordens que foram dadas pelo meu cérebro

E bloquearei todas as entradas de transportes universais seriais para que ninguém nos invada

Para poder compilar tudo o que foi programado para que eu tenha em definitivo o seu transportar

Rede Disponível

A cor sem preconceito

Se o preto é um cara pobre

Tem a alcunha de Feijão

Isso é discriminação?

E se o branco é um cara pobre e o chamam de Arroz?

Isso é zoação?

Não, talvez seja um problema racial

É problema social?

Se o preto é rico não há indistinção

Se o preto fica bonito há aproximação

Se o branco é pobre não há integração

Se o branco fica feio há segregação

Não, talvez seja um problema racial

É problema social?

A cota do preto, o branco protesta

É o branco querendo se justificar

A cota do branco, o preto detesta

É o preto não podendo lutar

Não, talvez seja um problema racial

É problema social?

E se o preto salva o branco?

A sociedade desce do tamanco

O preto doa sangue que misturado ao sangue do branco lota o banco que transfunde por ordem do branco que de jaleco branco salva o preto e tantos brancos.

E bato no peito a dizer que sou mulato, miscigenado pelo ato preto e branco e o meu sangue é da mesma cor do preto e do branco, uma cor sem preconceito.

Cabedal

Larápios empossados na tribuna
Assentados à mesa do poderio
Plantados a serviço da verba
Velhos reputados pretores de Roma

Os gestos das mãos dos maestros
Não são acenos da benção
É um código de abertura da burra
A corroboração do delito

Crimes sem provas cabais
Sociedade sem prognose
Moroso lavar a seco
Para que não tose as notas

Sem cera

Haverá faces sem cera
Não existirão fachadas
Que à socapa faleça
E a moita desapareça
Quiçá exista uma barca
Uma balsa do inferno
Que sugue a peita
E não haja mais seita
E se afogará a cobiça
No fogo maciço
Que só se apagará
No findar da praga
E um mundo sem cobras
Sem sobras, sem cordas
Talvez sincero, sem cera

Cidade Sitiada

Outrora havia retângulos de relva
Onde uma esfera a passear
Pelos pés das feras
Era uma rainha da selva
Ouvia-se o som do apito
E da pelota, o grito
Não se sentia a fobia
Percebia-se a calma
Havia perdidos no espaço
Uma lua de queijo
O namorar sem o beijo
E o maço de cigarros
Hodiernamente, eu vejo:
Os tetos sem gramas
O cortejo à grana
E o sitiar em decreto

As Ruas do Rio

Na entrada da noite
As ruas estão desertas
Não há ninguém a trafegar
Não há porteiras abertas

Há medo no trabalhador
Que andava a caminhar
E caminha a andar
Repleno de temor

É o crime a organizar
Os botes nos perdidos
Nos dias sem lei
Na arena dos bandidos

À margem eles vivem
A pescar nossos objetos
Com varas de ferro
E iscas de concreto

E se a Força prende o sicrano
Ou fuzila o fulano,
O resultado da Tarefa
Alerta os Direitos Humanos

Vaidades

Consumem-se coisas do bernal do mal
A vaidade, o maior dos alimentos
Escoltada do prazer,
O melhor dos sentimentos

Há também perigosos trabalhos
Neste cesto debaixo do sol
Em busca dos atalhos
Isto também é vaidade

E há o vento que dismantela,
Desmorona esta vaidade
Quando empurra o tempo
E não se sabe o seu caminho

" Vaidade de vaidades, diz o maior dos sábios, tudo é vaidade "

Sem Direito e Garantia

O silêncio da madrugada é sustado
Por estalos nos ares
Que procuram condenados
à masmorra do pecado

Prisão sem correntes
Sem portas estreitas
Onde há tantos insolventes
Da seita do diabo

Há um jogo de guerra
Pela mina de ouro
Onde há pepitas de pedra
Malocadas no sumidouro

Enfim há uma pausa
Ouço o perigo passar
Mas perco o efeito da noite,
O direito de sonhar

Loucuras

A loucura invade o mundo
Via intolerância humana
Que não encontra limites
Nesta sociedade profana

A loucura em uma nuvem
Recheada de tolices
Guarda segredos da escuridão
Dos calouros da nação

A loucura dos dementes digitais
Que nada consomem
Que comem dados
Que cancela suas mentes

Salvo o louco da luz
Que recebe o dia
Que à noite repousa
No colchão da harmonia

Acobertado

Está sob os alpendres de lã
No fim da madrugada fria
Essa cria do descaso da sociedade vilã
E surgem os motores a despertar seus sonhos

E o pulo da cama é sem rumo
Pois fora desmarcada a zona
Até que os roncos durmam
No conforto da cama

E perdida ao longo do dia
Do lado da rua dá saltos
Porque ocorre o ataque da fome
Na figura que some do mapa

O Fogo

Há combustível à solta
Nos lares, nos museus, nas lojas
Nos lugares que aloja sonhos
Nas naves

Há o ar que flutua nos campos
Nas avenidas, nas quintas, nas cadeias
No ninho dos sonhadores
Nos bofes

Há o calor que lança centelhas
Nas gramas, nos assentos, nas paredes
No gelo dos jogadores
Nos cofres

E o sonho do atleta é mutilado
O acervo da história é desfeito
E a voz da rádio silencia
Culpa dessa tricotomia

Na Estrada Recreio dos Bandeirantes

Desmatadas

As árvores de minha cidade estão cansadas
Isoladas no meio do cimento e asfalto
Vulneráveis à tempestade da tarde
Que as desmorona, as quebra

Sufocadas pelos pós das chaminés
Pelos gases poluentes dos automóveis
Pelas gambiarras energizadas
E pelos homens vorazes dos cartazes

Suas raízes estão a se enfraquecer
Seus troncos lenhosos recebem pregos
Ao invés de abraços e laços de cordas de cipó
Portanto, há pouca sombra e ar fresco

Em suma, árvores da floresta suportam vendavais
O vento vem como benefício da natureza
A fazê-las se cumprimentarem
Antes da certeza do retorno dos pássaros

Homicídio

O homem descobre a mina
E o ávido assina os direitos
Para que rejeitos sejam acumulados
No córrego de ouro

O Governo conhece os riscos,
O perigo do desabar,
Todavia, concede o alvará
O alvar do método de montante

E o convite é oferecido
Pois há um monte de cargos
A ser pelo povo preenchidos
No gabinete ao lado

Há vantagem em tudo
Um vale parrudo
Um salário absurdo
E um emprego seguro

Mas a vida é insegura
O pó contamina o ar
Que outrora repleto de brumas puras
Agora, sem teto de névoas

E cobertos de lama
Poucos sobrevivem ao drama,
Uma tragédia revelada,
Um crime de dano

Existem outras barragens
Espalhadas pelos vales
Uma imagem com
pretextos
Do acontecimento funesto

É homicídio ...

Surto de maldade

Homem demente no mar de rosas
A premeditar a morte
Por motivo torpe,
Mata os sonhos e se mata

Se condenado à escuridão
À custa de um pecado capital
O homem escolhe a sua sorte
A morte sem perdão

Não há valor nesta vida
Nem na volta, nem na ida
O surto é curto como o tiro
E longo como uma machadada

Que mundo cruel! Esse,
Talvez seja cá o fogaréu
Mas há a certeza de que lá
Haverá crianças a brincar no céu

Barbearia

Assentado diante do espelho
Vejo a queda pelo chão
Dos meus cabelos a ser decepados
Pelas destras mãos

Olho as garras de tesoura
Pelo cocuruto a passear
A ser o melhor do cafuné
A me engalanar

E quando deixo o reflexo
Sinto uma grande sensação
A passar sobre minha cabeça
O côncavo de minhas mãos

É a noção do tempo a passar ...

Impunidade

Conselho que tutela o crime

Com a lei na palma

Liberta a alma suja

E a retoma ao cume

Onde há devotos e votos

À favor do suspeito

Que bate no peito

A jurar santidade

E dá continuidade ao delito

Pois gritos de abafa

Impedem o castigo

Do filhote do Planalto

E a história se repisa

Nada se confirma

É mais uma reprise

Da impunidade

Sociedade

Não faço parte desta sociedade
Não aceito suas vozes
Que são ditadas do alto
No som dos chicotes

Pertenço ao meu eu
Que me concede a mata
Aonde viajo à vergalhões
Com minhas vergonhas de fora

Sem vestes ao tempo
Espero a chuva de vento
Que me leva ao topo
De onde a vejo a minguar

A aguardar a arca ...

Não, não quero

Não quero sopro
Não quero Socorro
Não quero sangue
Não quero sondas

Não quero hematomas
Não quero dores
Não quero sintomas
Não quero doutores

Não quero veias perdidas
Não quero fraldas
Não quero despedidas
Não quero caldas

Não quero gotas de soro
Não quero droga
Não quero coro de choros
Não quero toga

Quero voar como um pássaro ao seu alcance

A Ceia do Mal

A clausura que acomoda

Os que rapinam os pobres

Alimenta os ratos

A oferecer-lhes queijos nobres

A brindá-los com outros sabores

Como os bolos de bacalhau

Que engasga os rapinadores

A calá-los no tribunal

E as flores para as damas?

Donas das joias em penhora

Adversárias na trama,

São “orquídeas sapatinhos de senhora”

Não há controle destes vetores

Pois para eles há fartura na mesa

A formar uma teia alimentar

E para os miseráveis há migalhas e tristeza

No futuro do passado

Faria tudo outra vez
Chutaria o balde
E em más lençóis
Dormiria no banco de trás

Bateria na porta lacrada
Acenderia um cigarro de palha
E em estado de depressão
Fugiria dos ares

Correria na beira da estrada
Riria dos finos mortais
E em máxima euforia
Na ferrovia, cortaria os postes

Voltaria pra casa dos meus pais
Acenderia uma vela no quintal
E em colo maternal
Na rede de balanço, adormeceria

Mãe Gentil

O bando os sonhos mata
De quem sua a pelanca
A utilizar a moeda de troca
Do lado delata

O Banco o dinheiro cata
De quem acua a grana tanta
A ceder a cédula toca
Ao fado da mamata

O mando a gorjeta ata
E atua com fama manca
A colher as pétalas de nota
No gado de lata

O manco a lei acata
E encrua na casa santa
A zombar das algemas mortas
No dado da gata

Será pois o Baiano sempre Magnata
A devolver um quebrado de torta
A viver na barra da saia da mãe gentil
Pátria amada, Brasil

Tragédia Anunciada

Um drama fora anunciado
E por descaso nada a engendrar
Havia o presságio de uma nova tragédia
No palco do mesmo lugar

Uma peça escrita pela natureza
Narrada pelos graves dos locutores
A deixar o espectador em planto
E mortos os atores

Onde está a censura?
Que não impediu o espetáculo
Composta por ávidas criaturas
Consultora do Dr. Oráculo

Arariboia chora ...

Adoráveis vagabundos

Madrugada fria, noite nua, sem lua
Na rua e sob a marquise do bar
A reprise do som da tropicália
Naz vozes dos adoráveis vagabundos

Só havia balas de mascar
Beijos perdidos no ar
A cultura a vencer a censura
E o flagra da mistura samba

Toca na cabeça e cachecol
A hegemonia no futebol
Pouca gente, pouco trabalho
E uma enchente de rebeldia

E na gandaia o balão a cair
Marcava o encontro desta geração
Nesta, Brotos e carangos
Eram mais belos que a nação

Reis

Eu vejo um rebanho a aguardar
O rei da floresta de fragas
Que irá rugir ao amanhecer
Para marcar agressivamente sua plaga

E quando anoitecer
Haverá outros leões novos,
Jubados,
Que irão se opor ao reinado

É a guerra desses animais
Vence o que alto berra
E o que acorda
A marcar território em nossas terras

Todavia, o dia há de chegar
Eles destruir-se-ão
E um novo rei surgirá
Manso e de bom coração

Uma Luz

Atento, em meus passos lentos
Observo a minha intolerância
E tento despistar a minha mente
Preste a me derruir

A deixar o meu intelecto
Não posso entregar a outra face,
Uma ordem divina,
Que não consigo consentir

Estou preso ao preconceito
Aceso a um violento ideal
De lançar pedras na culpa
Dos que vêm a me ferir

Uma luz invade a minha cela
A consertar uma pobre alma
E sem nenhuma ressalva
A me obrigar a desistir

A comandar de vez os meus passos
A me apresentar os laços do amor
A me fazer perdoar a dor
E dos pecados me redimir

Soldado

Preso em um lugar no meio do mato
Onde há um monte de ocas
Que entoca a nudez que me cega
Toda vez que as vejo

Luto contra o desejo do homem,
A mais perigosa das vontades,
Sentir o odor do suor das peles vermelhas
E não poder a carne saciar

Pois suas vergonhas de fora
Aflora a febre que sinto
É como se eu estivesse em um labirinto
O qual as paredes fossem de pele

É difícil conter as mulheres pintadas
Sem vestimentas, sem nada
E quando o tempo me libertar
Desertarei na zona da mata

O Mundo é um Gelo

O mundo a violentar-se a cada segundo
Com ajuda do vento que vem do norte
O mundo a mutilar-se gélido e sopeso
Um gelo seco a refrigerar a morte

A morte é fria como o sangue
Que circula nas veias dos abjetos,
Dos papudos insetos frios
E da astuciosa gangue homicida

Frieza que mata os sonhos reais
Uma geleira na alma alheia
Vivalmas geladas a ostentar
Com minas de vintém alheio

O mundo é um gelo ...

Sexta Negra (Black Friday)

Um dia negro a nos convidar
E vestidos de nada
Aceitamos o convite
Do chupim oportunista

No salão da festa
A música guia nossos passos
Sobre o piso liso
E não nos deixa correr

Nossos olhos são hipnotizados
Pelos manequins airosos
Que apelam ao nos seduzir
Com abates

O nu finalmente
É tapado de joias
É tapado de sedas
É tapado de couro

E no volver para casa
Os corpos estão saudáveis
Vestidos de tudo
Mas, despidos

Impedidos

Entre as grades da sociedade
Nossas asas atrofiam
A impedir o voo da liberdade
E a baldar a vida

Não há alvará de soltura
Para nós, condenados inatos
Não há tutela
Para nós, natos da favela

O sol nasce quadrado
Não há o horizonte
Há um monte farpado
De alta corrente

Há um rio de águas amargas
Onde vivemos à margem
A trabalhar forçados,
A terceira margem

Rio Leso

Rio que deságua nas águas
A receber as águas
Das águas da cabeceira
Onde se avista as águas do mar

Suas águas em abundância
Retrata a bonança das águas
E o barco avança na dança
Das águas em direção ao mar

Uma cutela de pedras
Corta o desfile das águas
Fere as algas do leito
Que mortas deságuam no mar

O rio tornou-se púnico
E o vento nas águas do moinho
Suga o único causador
Do sangue que deságua no mar

Outra vez, o tempo

O tempo conduz
A luz do dia
Mas não impede
A escuridão

A cada instante se vai
O estranho ou o amigo
O que mora distante
ou em seu abrigo

A qualquer momento
A dor pode vir
E desfazer a mesa
Da mansidão

Despencar-se-ão lágrimas
Sobre a terra
As flores
O ataúde

É o senhor tempo levando
Nossos diletos
Sempre o tempo
O que me envelhece

Marcas

Um susto imenso ao perceber
Ser mais uma vítima do ataque
Da escória da sociedade
Uma peça do almanaque

Uma lâmina enferrujada transitara
Nas mãos do pobre penetra da viação
E viera em minha direção
A atingir o osso do meu pescoço

Entre os bancos da lotação
Sofrera mordidas em meu braço
E naquele ingênuo fora da lei
Dera-lhe um abraço de leão

E a faca sendo pleiteada
Por uma infeliz criatura
Penetrara em meus dedos
E Cortara a minha nervura

Cansado das pancadas na cabeça
O coitado largara a cutela
E fugira em disparada
Pelo corredor da morte

E o sangue espirrado fora pisado
Pelos fortes covardes
Esta é a razão
Das cicatrizes em minha mão

A Vida Tomba

A vida tomba
Quem vive na sombra
Quem serra nos bares
Quem aposta em azares

A vida tomba
O demente que zomba
Os homens sem sombras
Que abandonam os lares

A vida tomba
O marido que mente
A esposa que cede
À proposta indecente

A vida tomba
O soldado que pede
A viatura que mede
A cor do rapaz

A vida tomba
O pai que violenta
O filho que parte
E não volta jamais

A vida tomba
A mulher que ostenta
E depois se lamenta
Pela perda do gás

A vida tomba
O aluno que cola
Que guarda na cartola
A carta de Ás

A vida tomba
E só se levanta
O ser que alimenta
A pomba da paz

Livres da Sociedade

O que é liberdade?

Livre arbítrio

Livre acesso

Liberdade para expressar

Liberdade para socar o vento

Liberdade para matar a aula

Liberdade para roubar o tempo

Liberdade para zarpar da jaula

O liberto aprisiona os mestres

Com as correntes dos direitos do homem

Que algemado recebe um toco

E a sociedade lamenta

Mas quem sustenta esta liberdade

É o dono da festa

Uma orquestra montada no morro

Um Monte de Pedras

De Cassius a Muhammad

“Eu nego a guerra”

“Coisa alguma me foi feita”

É a voz do Nego,

Filho da terra

Cassada a sua cinta

Proibido de lutar

Mas a luta pela causa

Ninguém pôde vedar

Ali fora intimado

Pela forma de pensar

E ali condenado

A se nocautear

No ringue existem regras

Na selva apenas o matar

“Ali buma iê”

Grito dos fãs da América

A volta por cima da dor

Como um Galo de Rinha

Depenava o oponente

Na tutela da cor

E subia no palanque sangrado

O seu palco sagrado

E gritava para quem pudesse ouvir

“Não aos outros e Sim para si”

Impunes

Pela fresta sinto o amargo
De assistir ao impune alvoroço
Sobre velhos e moços
Que circulam pelo largo

A cada dia que passa
Há pescoços arranhados
Há cordões arrancados
Ao redor da praça

Há mordanças nas bocas ...
Há vendas nos olhos ...
Há algemas nos pés ...
Há anáfora de erros ...

Metrópole

O que era mata virou pedra
Os rios e suas águas usadas
Viraram asfaltos e latrinas
Águas impuras e escoadas

As nascentes dos rios vanesceram
E os nativos não se banhavam mais
Nas fontes de águas cristalizadas
Que remoçavam seus semblantes de sais

Guiadas pela praga do capital
Dragas gigantes aplainaram o sítio
Basculantes despejavam barros
E ao redor betoneiras dançavam

Nascia o piche, o cimento e a brita
Arena do pega dos pivetes
Que antes eram os rios
Dos nados dos moleques

Há pepitas de ouro no subsolo
Misturando-se ao excremento
Em direção ao sumidouro
De lentas águas correntes

Armas?

Tu que chegas tão arrogante
Ao trono dos governantes
A prometer armas bastantes
Nas mãos dos cidadãos ignorantes

Não tem a noção do perigo
Que é a reação do inimigo
Ao perceber que a arma contigo
É o troféu do bandido

E o tiro sairá pela culatra
Em direção a testa do magnata
Que quando algo o desacata
Saca e cavaco cata

É a catástrofe da sociedade
Um sujeito sem propriedade
Adquirir uma arma por vaidade
Sem saber usá-la de verdade

E quantos irão padecer
Nessa guerra do mais ter
Cerca de um ser
Ou de todo o volver

A tropa a cair devagar
A procurar o maná
Será o símbolo do azar
Na credence popular

Mas no credo dos alheados
Tudo está destinado
A morte dos condenados
E a soberba dos mais dotados

O Clube dos Corruptos

O Clube dos corruptos que se acham putos
É composto por atores indiscretos
Que jogam o bilhar sem valer
A celebrar o indigesto gesto de mais se obter

Há sócios beneméritos a se banhar,
A beber destilados coquetéis à beira da piscina
Que armazena patacas de notas lídimas
E a dar gargalhadas das vítimas

A gala do salão é iluminada pelos lustres de cristais
As faces dos ímprobos se refletem nos vitrais
A formar uma combinação de fantasmas a dançar
É o baile à fantasia promovido pela burguesia

Entretanto, a porta é estreita ...

A Sociedade do Espetáculo

O mundo é um espetáculo
Os nossos olhos são a plateia
Diante da luz dos diodos
Os artistas, uma alcateia de lobos

Assistem-se ao escarcéu
Sentados diante da mesa
E no fundo do prato
Comida e tristeza

Não há mais sentido
tragédia sem catarse
comédia sem risos
não nascem sisos

Ao redor do haveres
Protagonistas dos azes
Seres da mesma espécie
Como canibais vorazes

Cabeças d'água

Cabeça vazia no alto do morro,
Recebe o choro das nuvens
E os rios pedem socorro
Ignorado por descaso do povo

O ronco avisa ao povoado
A ira da mãe natureza
E que o perigo está concentrado
Para devastar a pobreza

Uma tromba desce louca
Quebrando galhos assombrados
De folhas poucas do bioma da mata
Que areja a favela

Há telhados espalhados ao chão
Que tapam os escombros
Que cobrem os tombos
Dos meninos desventurados

Cabeças vazias do alto
Recebem o choro das vítimas
E o Rio pede socorro
Ignorado por puro descaso

Locaute

O patrão derruba o empregado
Possuidor do consta nada
A incentivar a parada
Para o seu próprio interesse

A se esconder sob a lona de algodão
O dono excita a desditosa nação
A subir o preço da mercadoria
O pão nosso de cada dia

É o locaute,
Um nocaute no povo ...

De Latos

O bando os sonhos mata
De quem sua a pelanca
A utilizar a moeda de troca
De lados delata delata

O Banco o dinheiro cata
De quem acua a grana tanta
A ceder a cédula toca
Ao fado da mamata

O mando a gorjeta ata
E atua com fama manca
A colher as pétalas de nota
No gado de ocas santas

O manco a lei acata
E encrua na casa santa
A zombar das algemas mortas
No nado de costa e anca

Desalentados

Sem forças para encontrar o labor
Milhões de indivíduos estão sem serviço
Sob o olhar omisso do promissor
Que brinda a cada lanço

E driblam a norma dos tributos
A comercializar o perecível produto
Em lugares escondidos
À mercê do cobrar dos bandidos,

Os amargos donos da farra
Que recolhem os impostos
Sem código de barras
Mas mais baratos que os encargos

E não há receita ...

Foucault: Vigiar e Punir

Não há mais masmorra
Há vigilância constante e reguladora
É a disciplina do mundo moderno
Uma sociedade controladora

Somos corpos dóceis, submissos e exercitados
de alta utilidade e de míngua obediência
Pertencemos a uma massa confusa,
um corpo de trabalho e eficiência

O poder descobriu a manha
O antes absolutamente ínfimo
Hoje um homem fabricado
Fácil de ser domado

O relógio é o senhor do tempo
Que possui o corpo dócil
com ordem e ritmo perfeito
É preciso extrair tempo do tempo

Somos vigiados e punidos
Alienados seres silenciosos
Condenados à perpétua
pelo que não se sabe

O poder é onipresente
Tudo é exaustivamente visível,
mas a vigilância é oculta,
pois somos zeros e uns

Pedras

No meio do caminho há várias pedras
Há várias pedras a caminho
No caminho das pedras há várias pedras
Pedras no caminho das pedras

Haverá sempre pedras
no meio do caminho
do mundo feito de pedras

Pedras sobre pedras
a caminho da idade da pedra
sem pedras no caminho
Pedras a caminho do pó

E Drummond diria:

“No meio do caminho tinha uma pedra”

A Bala Perdida

Em um uniforme conforme
Sem colete e sem capacete
Munido de cadernos punidos
Um menino seguia o destino

Subia os degraus da escada
da ponte que cobre as linhas
No topo, observava o trem
que range e dá chacoalhada

Com a sua cabeça envergada,
não ouvia o som do perigo
as rajadas que vem do abrigo
do amigo de hora marcada

Uma bala silenciosa percorreu o ar
e encontrou a moleira do promitente
que caiu de repente
para nunca mais brincar

Uma bala perdida
Uma criança perdida
Uma sociedade perdida
Uma esperança perdida

Soneto Caíba

Neste mundo é mais rico, o que mais assalta:
Quem mais limpo se faz, é o que mais defeca:
Com sua língua ao nobre o pobre seca:
O velhaco maior sempre tem fachada.

Mostra o patife da nobreza a carta:
Quem tem mão de agarrar, ligeiro peca;
Quem menos falar pode, mais seca:
Quem dinheiro tiver, pode ser Magnata.

A flor baixa se inculca por caíba;
Bengala hoje na mão, ontem plaina de peroba:
Mais isento se mostra, o que mais cuba.
Para a tropa do trapo vazio a riba,

E mais não digo, porque a Musa aboba
Em aba, eba, iba, oba, uba.

Lobotomia

Somos loucos e cegos
em busca do prazer
Quando o id ataca o ego,
o super moraliza o ser

Somos ora gratificados
ora sob controle
Somos loucos desenfreados
ignorando as dores

Mas desejam nossos cérebros
para nos lobotomizar
Doutores são loucos
Querem nos alienar

Fugimos então da razão
e voltamos ao delírio
à loucura de viver
em estado de alforria

Somos donos?
Somos livres?
Somos insanos?
Somos ...

O Regalo do Poder

Nos cárceres sem grades
Estão os célebres ratos
A passear no sereno
E a dormir na “Supreme”

A assistir de camarote
A morte do Rio
A derrota da sorte
E o calafrio dos homens

E o tempo que resta
É como o piscar do alerta
E uma coisa é certa
Não haverá escapula

Pois há o alvará de soltura
Que liberta as ratazanas
Que voltam às mesas
Do crime à paisana

Sanguessugas

O alento do poder
é o nosso sangue pisado
Um alimento alienado
do imperioso vampiro

Egos obcecados
pelo sumo e pela nata
Demolem os sonhos
dos tolos esbagaçados

Sanguessugas insaciados
de dentes afiados
Clamam o pleito
aos necessitados

Que os servem na mesa
com talheres de prata
Um vinho cremoso
com o alho assado

Areia do Rio

Havia preás no tempo da areia lavada
Que o Velho retirava do rio de águas acinzentadas
Que impediam a nossa travessia à margem da grama
Do modo que se afundava a cada dia

O Velho brigava com o rio no quotidiano
E somente o tempo conseguia a trégua
Enviando a chuva e a noite para cessar as mãos
Que arrastavam a pá de grãos

Era o pão de cada dia a ser retirado
Para alimentar um punhado de crias
Que vivia no barraco ao lado
Enfincado no barro do topo do morro

E o bairro se expandia à custa do Velho
Suas casas erguidas pela riqueza da arte,
A areia garimpada pela força dos braços
E secada pelo coração da natureza

O Nosso “Eu”

Quero olhar-me em ti,
conversar contigo
como o balseiro iluminado
que ensinaste a paz

Tudo farei para o teu sustento
Não deixarei que morras,
não te lançarei detritos
Dos meus braços, esforço e flores

A cada dia ouvir as correntes
do meu consciente receber
palavras sábias que te sustentarão

Um dia serei cinzas
Flutuarei sobre as tuas águas
E me levarás à verdade

Aquela Ditadura

Nunca mais despotismo,
pois ditadas ordens eram vindas do alto
desobedecidas por um povo
ceifado pela espada do planalto

Em dias de lutas e torturas
discentes foram ameaçados,
mas a coragem e a bravura
configuravam o povo arregaçado

Os camuflados penetras, nas ruas
escutavam as vozes dos poetas
e alcaguetavam aos generais
as ideias intelectuais

Os cárceres privados abrigavam beltranos,
donos de planos fracassados,
atormentados por soldados sicranos
e jamais foram encontrados

Com as minhas mãos libertas

e sem medo dos tiranos

Escrevo hoje com abertura

as barbáries daquela ditadura

Negra Mulher

Livres para os olhos da Vitória
Brotos livres sem dores
Há somente espasmos no parto
dos belazes amores

O ventre sagrado
Posse dos brancos senhores
Gerou frutos miscigenados
Uma mistura de cores

Nasceram mulatos:
Poetas do agreste
Escultores aleijadinhos
Ministros mestres

Nasceu uma cultura
Uma própria identidade
Graças ao ventre
da Negra Valente

Livres das correntes
Sem chibatas, sem marcas
Belas, as mulheres
dos libertos ventres

O Barroco

José e Antônio, padres diplomatas
Gregório , consciente zombador
Dois catequizaram por ordem do Papa,
Um satirizou até o governador

Todos ecoaram o barroco,
mas não puderam se encontrar
para dois falarem das promessas
e um outro parodiar

O cultismo atravessou o século
engarupando a literatura de José
A retórica, o conceito e o lirismo
afirmaram o ofício da fé

As antíteses do ódio ao amor,
do silêncio ao grito,
do comprazimento à dor
marcaram a arte do conflito

Assimétricos são os rostos
da felicidade e do desgosto
São belos e feiosos
Frenéticos e bonançosos

Boca do Inferno,
a alcunha que vem dos malditos,
Os poderosos homens de terno
são os que merecem o apelido

Sem Laços

Içados da cama por mãos envenenadas
Animaizinhos cansados do dia e da noite
Têm em seus cabrestos as mãos apressadas
Que manuseiam covardes açoites

Arremessados ao pátio pelas mãos viciadas
Mãos que embalam, mãos fracassadas
Pobres criaturas, filhotes sem berços
que têm do dia apenas um terço

Amansados por doces mãos destras
Libertados das cordas pesadas
O novo habitat é uma festa
Mas lá fora há mãos desesperadas

Sem laços ...

Uma Menina e Um Menino

Na sala de ensino
Uma menina e um menino
Ignoram a ordem
E se ofendem

O danoso sangrado
Com dores pede socorro
E seus amos cegos
Não vestem os gorros

Pobre docente doce
Que manchado de sangue pisado
Comporta-se como se o pirralho fosse
Filhote do seu legado

E apenas socorre ...
E há a pena que morre ...

Docente

Doce ente que aglutinado
É um amável ser
Um docente apaixonado
Pelo ofício que lhe foi dado

A magia do saber em seu poder
É dom de Deus
Todavia, o ensinar e o aprender
São méritos seus

E a cada dia vai continuando
Pois o quadro da escola
Reflete a formar os seus dados
A atingir a carola dos educando

Que escolhem o seu tempo...

Do Gueto

Pequeninos seres do gueto,
com sede escalam paredes e tetos
A maioria com os seus colarinhos pretos
não sabe seus nomes corretos

Seres peneirados pela massa
e garimpados na raça
São pobres criaturas dos bares,
das ruas, nas viaturas

Pequeninos seres especiais,
vítimas do lar, vítimas do asfalto
Avessos às travessuras de seus pais

Há um lugar sem mar, plano e alto
onde gargalham os de mentes delongadas,
seres que não desejam saber do saber

Fases da Surdez

Somos selvagens, mas não somos livres
Somos nativos, somos laços
Não nos deixam caçar
Não querem ouvir os nossos passos

Somos barrocos, mas não somos livres
Somos críticos, somos oposições
Não nos deixam pregar
Não querem ouvir os nossos sermões

Somos neoclássicos, mas não somos livres
Somos objetos, somos heróis
Não nos deixam pensar
Não querem ouvir os nossos caubóis

Somos românticos, mas não somos livres
Somos tristes, somos restos
Não nos deixam falar
Não querem ouvir as nossos protestos

Somos modernos, mas não somos livres
Somos marginais, somos escórias
Não nos deixam entrar
Não querem ouvir as nossas histórias

Somos contemporâneos, mas não somos livres
Somos mortais, somos vivos
Não nos deixam vingar
Não querem ouvir o nossos livros

Somos poetas ...

O Astro

Uma esfera rosa
é no horizonte, o sol
Uma celebridade a desfilar
em passos lentos

Paparazzos em transe
a caminho da labuta
esquecem da luta
e revelam o encanto

O tempo passa e a cor transmuta
e muda o enlevo a fugir os flashes

Ao entardecer,
há o íris, o arco da aliança
e voltam os flashes

Germinal

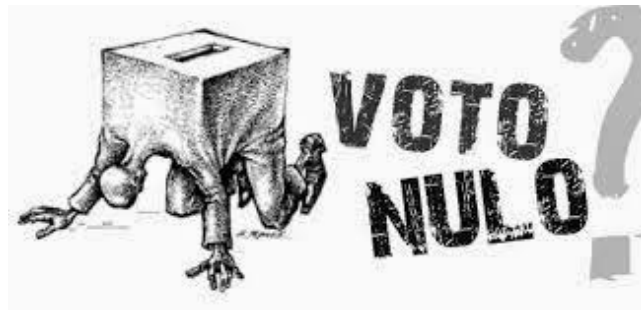
Brota-se a semente do capital
O germinal da primavera
Um germe da mutação social
Uma nova era

Escoras precárias das minas,
Pagas pelo suor do labor
De pernas dobradas esfolam
As escórias da sociedade

A revolta dos peles pintadas
Entoando gritos de pão
Acende o fulgor do burguês
Que ignora a manifestação

O poeta no meio do povo
Chora pelo revés
Mas recita aos ares da estrada
A letra da esperança

Votos Nulos



Papéis e tiras de panos
jogados ao vento da ignorância,
a que carrega os votos
dos desumanos

Espalhados pela cidade
e misturados no mesmo saco

Não se conhece as fotos
da verdade

As bolsas prometidas
continuadas vivas

Alentando os fulos
da vida

Escravos da necessidade
a ser cúmplices do atraso
e consagrados rotos
da sociedade

Imputação

Calúnia, má fé
A inocência do homem
Não é pura
Não apura

É somente minha
A verdade, a dor
E revelam-se no escancarar
Da minha boca

O tempo é justo
Deu-se a tempo
De minha mão pousar
Sobre as palavras

Acreditastes em mim
Sorristes novamente
E enfim, à tona
O perdão

O Fim da Esperança

Está a chegar o momento
É a escolha do assalariado
De mãos de calos e bolhas
Que acredita no prometimento

É o instante da esperança
Dos distantes do labor
Que a confiar na mudança
Comem o pão que se amassou

E quando acaba o optar
Nomeia-se o vencedor
E fecha-se o altar
Para o pobre sofredor

E a última que morre
Dá adeus à guerra
E não mais socorre
O operário que berra

Pérfidos

Belos hipócritas
Mascarados farsantes
De sorridosos tridentes
Que espetam inocentes

Com postura intermitente
Interditam a harmonia
Dos sinceros guerreiros
Do dia a dia

Não temem a vara
Arrogam o mundo
Ufanos inglórios
Adoráveis vagabundos

E o peso da mão corregedora
De palma quente
Detonará a serpente
Das mentes aterradoras

Quente

Clamo ao teu redor e te suplico:

- Pare de me aquecer
- Meus filhos escaldados estão febris
- Porque o teu lume os derrete
- Sofro com os teus impactos e a tua arrogância inata
- A atar fogo em meus cascos
- Seca as minhas fontes e cascatas

O Homem, o homem assa

A água da torneira aquece

O asfalto a suar fumaça

O filhote do pardal padece

Pois o Homem, o homem assa

Quarenta e cinco graus centígrados

Pifa os ares da massa

E gatos a ser flagrados

Pois o Homem, o homem assa

O calor, poderoso carrasco

Consome o termômetro da praça

E a mata por um fiasco

Pois o Homem, o homem assa

Há o efeito, há o degelo

E por mais que se faça

Não se consegue o zelo

Pois o Homem, o homem assa

Seco

Tortuosas mãos que lançam lixo
em qualquer direção do rio
onde há aves pousadas
sem beleza e carne

Mãos que não regem,
Mãos que não escrevem
Mãos que ferem
Mãos poluentes

E fechadas darão adeus
ao Rio seco

Mãos Apressadas

Içados da cama por mãos envenenadas
Animaizinhos cansados do dia e da noite
Têm em seus cabrestos as mãos apressadas
Que manuseiam covardes açoites

Arremessados ao pátio pelas mãos viciadas
Mãos que embalam, mãos fracassadas
Pobres criaturas, filhotes sem berços
Que têm do dia apenas um terço

Amansados por doces mãos destras
E libertados das cordas pesadas
O novo habitat é uma festa
E lá fora há mãos desesperadas

Belicosas Sementes

Belicosas sementes
Brotadas em solo errado
Como em terras secas
Onde os braços do arado

É desviado pela tristeza
E o que vem pra mesa
São apenas caibros
Nas mãos dos valentes

Língua Maldita

Língua maldita

Que sente bom o paladar

Das tortas palavras

E fere o amor

É aquela que ora

Que chora aos pés

Que ao invés de socorrer

Acusa o confrade

Poupe os ímpios

Os meus

Os seus

- Cala-te agora!

Língua maligna

Lingua maldita que dita,
Que mente
Que brita
À solta como uma serpente

A odiar a vida, esta língua atrevida
Que não se controla
Como cavalos sem freios
E pistolas

Não se consegue domar
Esta má língua, maligna
Que míngua
Ao cafangar

Língua maldita, querida dos homens
Que a adoram
E que soltam suas línguas
Como idólatras de lábios bajuladores

Sanguessugas

O alento do poder
É o nosso sangue pisado
O alimento alienado
Do imperioso vampiro

Egos obcecados
Pelo sumo e pela nata
Demolem os sonhos
Dos tolos esbagaçados

Sanguessugas insaciados
De dentes afiados
Clamam o pleito
Aos necessitados

Que os servem na mesa
De talheres de prata
O vinho cremoso
Com o alho assado

Literatura de Cordel

João Pessoa

Na terra onde João matou João
Fiz escala pra João
E ouvi a história do João
Contada por uma pessoa
O Cabra tinha ciúme de João
Que não tinha nada
Com a amante do João,
O político da oposição
Que pensava que lhe colocaram gaia
Ela de saia era tão bonita como a do sertão
Lutava pelos direitos da mulher
E foi o pivô da revolução
Após a morte dos dois João
E sequer teve tempo
Da inquieta poeta lutar
Pois o feito no Café
Matou um dos João
E João foi preso à morte
E sufocado pela má sorte
Não foi cagado!
Morreu onde foi pendurado
Ele e seu cunhado
Com a liberdade de expressão
Não mais ouvida pelos João
Foi-se uma vida tão precocemente
E enterrada como indigente
E quantas João ninguém
Hoje são alguém
Como a aquela cabrita que nos guia
E Mariela, a militante da favela
E os João se foram mais cedo
Não viram mais o sol
A se pôr em Cabedelo
Ao som do Bolero de Ravel
No sax de outro João
Que jura fez quando o amor partiu
Ao patentear o instante
Que proporciona aos João visitantes

Um mundo de emoção
E o João se tornou uma nova cidade
Bela como a musa dos João
Com falésias mortas pela erosão
E com o nome de João Pessoa

O Cânion de Xingó

Sobre uma abundância de água doce
Estou a navegar
É o Velho Chico a me carregar
Para o caminho estreito

Um lugar de paredes de pedra
Esculpidas pelo tempo
E polidas pelas mãos das águas
Que trouxera a vida

É como se fosse um sonho
O seu leito a me levar
Para o paraíso do talhado
Onde poderei, enfim, te furar

E descer até as suas profundezas
Para contigo medir forças
E subir com a certeza
De que és inocente

Holocausto Brasileiro

Houve um tempo sem tempo
Havia uma senzala sem escravo
Haveria socorro sem medo
Há um desinteresse do caso

Era um lugar mais distante
Muito longe da capital
Onde não havia o mirante
A observar o hospital

Eram lançados à colônia os entes
Onde o sol desancava suas peles
E as moscas varejavam as feridas
Dos carimbados doentes

Milhares de caixas a desfilar
A subir o morro dos mortos
A ser enterrados sem forro,
Os indigentes sem foro

O artista desenhou a barbaridade
Que pousava desfolhada, nua
E revelou em letras
O genocídio da sociedade

E ao redor do penar dos inocentes
Uma coroa de flores a se perdurar
Enquanto as mãos dos dementes
Atestavam o finar

Vida Seca

A sede da justiça se manifesta
E porta do Guandu se fecha
Três dias secados sem gotas
Há meninos esgotados

Minha Sinhá desesperada
Com as vestes e louças enodoadas
Do suor e da boia
Da tipoia do seu braço

A cadela não caça
Lambe os pés empoeirados
Do vaqueiro do asfalto
Que odeia o soldado

O governo é culpado
Da vida seca
Do flagelado
Da aridez

Cadeia Velha

Entre a grade e a rua
Há um clarão
É o relâmpago da prisão
Dos reis das falcatruas

Que fingem candura
A fazer o bando parlamentar
O alvará de soltura
Que faz o povo lamentar

Mas o raio a cair de novo
No mesmo lugar
Lava a alma do povo
Que tem fogos a soltar

Foi pois justo o tribunal
A voltar à gaiola
Onde se faz escola
Os três deputados do mal

Lei maior

Quem cria a lei é o larápio
Que acumula chorumes
Através da escolha do cardápio,
O menu de estrumes

A cada golpe de doutor
O pobre cai por nocaute
Estratégia do malfeitor
Que incentiva o locaute

E não há ferramentas de trabalho
Os braços estão a se cruzar
A espera do malho de madeira
Que se condena ao soltar a frieira

É o acusado sendo purgado
Pela máquina da constituinte
Que ele a tem decorado
E se safa com requinte

É larapiar dentro da lei...

Vagas

Uma saga para vaga
Cavada desde a madrugada
É o povo sendo calcado
Pelo criadores do nada

Nada acontece desde dantes
A nos querer ignorantes
Não nos permite avante
Desejam nossos lobos

E que nossos pensamentos travem
E que a trave rebata os sonhos
E que andemos a vagar
Sobre os destroços do lar

É a vontade da banca
Que ora manca à direita
Ora manca à esquerda
A nos mutilar

Fratura Exposta, Sem Trocadilhos

A sociedade a ser esfacelada
Por premeditados golpes de martelos
Que na mão do poder paralelo
São afiados cutelos a picar

Uma doença degenerativa,
Um fato social patológico,
É a corruptela entranhada no homem
O qual rompe um pacto lógico

A zombar dos que não têm mais tecidos
Que ouvem o estalar dos seus ossos
E na fila de espera veem os destroços
Da esperança dos entes queridos

São caras próteses a ser faturadas
Camufladas no pote de ouro do próprio tesouro
Que nas impróprias mãos abjetas
Controlam a hipérbole do roubo

Balas de Borracha

Nada será salvo
Gigantes são levantados
Elefantes são alvos
E o capitalismo é mascarado

Seres são alienados
Como cobaias da cilada
Depois de tudo concreto
Botam a cara na tocaia

Os gigantes se levantaram
Do norte ao sul do país
Deixamos ressuscitá-los
Em cima do nosso nariz

Agora não adianta lutar
Eles venceram de novo
E as balas de borracha
Simbolizam o nosso povo

Ao soar do apito
O desbaratado festeja
E ecoa apenas o grito
Das bocas das cervejas

Olvida-se o povo
Alienado de novo
Molda-se o povo
Ludibriado de novo

A Morte da Arte

Onde as artes estavam a se misturar
Os talentos dadiavam gargalhadas
E sobre as mesas forradas de gargalos
Havia a alegria das letras espalhadas

Interrompida pelas rajadas de trabuco
Detonadas pelos perversos vagabundos
Que dominam o nosso mundo,
As nossas praças

E há dois corpos sobre os prismas de pedra
Que rodeiam o largo a entristecer a noite
Anfitriã dos nossos sossegos
Que chora a cada tiro do açoite de chumbo

E a arte morre naquele lugar...

Amazônia, um pedaço de mim

Há tantos séculos estão a me depilar
Desde que o mar me traiu
Trouxe as naus dos homens maus
Que a minha riqueza os atraiu

Os utensílios do homem bravo
Coagiu os meus filhos
A trocar a imagem de narciso
Pelo trabalho escravo

Eram os meus pelos rosados
A ser depilados pelos serrotes
Depois, carregados ao meu traidor
Pelos braços dos negros fortes

E um extenso meu pedaço,
A menina dos olhos do mundo,
Sempre foi explorado
Pelos poderosos vagabundos

Ira induzida

Há dedos perdidos a teclar a ira
Induzidos pelos gestos de socos no ar
E o ser de emoções não contidas
Teima em se equivocar

Palavras frias não pensadas
Lançadas na tela de cristal
São as sementes a ser espalhadas
Nesse mundo virtual

É o mal que se empenha a te seduzir
Por via dos homens maus
Que oprimem, em resenha, os fracos
Que não têm o direito de agir

E a imagem da morte é tão vulgar!
O que se esperar então?
Haverá, em todo lugar, atiradores de precisão
Acaso o perigo se manifestar?

Um mundo de vilões

Para mutilar as pessoas
Basta uma coroa sobre a cabeça
E seguidores de "Sua Alteza" a poli-la constantemente
No altar da vileza

Há rastros de maldades no caminho
O exército da mentira
A ignorar as verdades
E a estimular a ira

Os homens estão a se contender
Numa zona indefesa
Onde o mal esmaga o bem
Como uma anaconda a sua presa

A guerra ao diabo pertence
Não haverá vencedores intactos
Existirá sempre a serpente
Alimentada pelos fracos

O sonho do Brasil

O sonho do menino Brasil

Um mundo de fantasia onde do céu nas asas de jaçanã

O curumim ouviu a profecia

Que haveria um lugar plano e alto

Onde os homens do planalto não desejavam saber do saber

E o pássaro mostrou ao curumim depois do seu voo rasante

Sobre um pampa gigante

Iluminado pelas estrelas

Uma festa de colarinhos brancos

Que infesta o orgulho da nação

Revelou os segredos de Brasília, a terceira capital

Que deveria ser protegida pela invasão

Mas o que se viu, não leve a mal

Foi o candango construir o berço da corrupção

E longe dos sonhos dos cabeças amarelas

A jacana jacana pairava sobre a solidão do agreste,

A região do nordeste longe do centro-oeste,

E via a vida seca e a dor a chamar a chuva pra banhar o sertão

Enquanto o negro no Quilombo dos Palmares a aclamar a sua libertação

Ó liberdade, a voz, do céu se ouviu

É o grito dos surtos

É o surdo gritando, a viola chorando

O lamento do Brasil

Utopia, o meu Brasil como no tempo de menino

Sem serras na mata, sem sinos de ouro

A mamata era farta na mãe natureza, pois havia dos rios a potável pureza azul de anil

Que banhava as vergonhas e matava a sede do gigante chamado Brasil

Autódromo!

No lugar onde há uma floresta
A corja que comanda quer fazer a festa
Destruir o habitat dos pássaros
A soltar gases de escape no ar

É o elixir do enriquecer dos ávidos comilões
Os ovos de ouro do céu a cair
Sobre as palmas das mãos dos que lançam o lance
E dos que ganham o ganho

O pobre poderá somente ouvir
O aquecer dos carros sem economia
A trafegar na via
E o ronco de mais um elefante branco

E não mais se trafegará pelos montes de Camboatá ...

Arbitrariedade

Nos becos do território negro
Nas vielas das comunidades
Não obstante haja arrego
Pode-se atirar à vontade

É a ordem do déspota
Que disputa o trono
A do céu definir a rota
A ferir os direitos humanos

São mortes divulgadas por dia
Uma contagem errada
Há as dos passageiros da agonia
E as das promessas mutiladas

O que esperar do juiz?
Que decora os estatutos
Que jura cumprir a lei do país
Que se diz absoluto

Havia

Minha terra tinha palmeiras
Onde cantava o sabiá
Mas com o derrubar das madeiras
Não se ouve canto lá

Havia a beira do rio
Onde eu caçava preá
Porém existe uma calçada
Para a elite passar

O morro de barro cobria o matagal
Que hoje cobre a estrada
Onde há olhos famintos
No meio da encruzilhada

Tinha sanhaços nas amoras
A consumir meu pospasto
Entretanto, há um bando de abutres agora
De carne a se alimentar

A Mágica do Saber

Os pequeninos seres minguados do gueto
com sede escalam paredes e tetos
A maioria com os seus colarinhos pretos
não sabe seus nomes corretos

Seres peneirados da massa
e garimpados na raça
são pobres criaturas dos bares,
das ruas, nas viaturas

São pequenos seres especiais,
vítimas do lar, vítimas do asfalto
Avessos às travessuras de seus pais,
entes condenados

Há um lugar sem mar, plano e alto
onde gargalham de coisas trágicas
os seres de mentes delongadas,
homens que não desejam o saber da "Mágica"

O guru

Guru, o que aconselha
Estimula a mula
No abaixar de sua sobrancelha
A escrever a bula

As ideias absurdas pra que serve?
Há contraindicações
Como usar?
Há precauções

Haverá reações adversas
E uma superdosagem
Numa overdose de persuasão
Ativará a desdemocratização

Desmazelo do guru sem turbantes
Que numa aventura de percurso
Coleciona rifles bastantes
Que abatem os ursos

A Febre

Não haverá mais bugios
Na mata do Mar de Atlas
A beber água no rio
Que mata a sede dos primatas

Pois o homem invade o verde
A arranhar o céu
Contudo edifica as paredes
Do seu nobre mausoléu

E a peste que mora ao lado
Via moscos sobrevoará
Pois a morte dos macacos
Não mais alertará

E muitos se findarão
Vítimas dos vetores do mato
Pois o homem será a razão
Do seu próprio assassinato

Gotas de choro

Há brumas sobre lamas profundas
Que cobrem borras humanas
E outros campos de brandura
Estão prestes a receber um mar

No lugar dos montes verdes
Há um vale de dinheiro
Que compra o mineiro
A matar sua identidade

A mais valia é a ferramenta da burguesia
Que trouxe a Vale ao vale
A explorar o rio doce e suas margens,
Onde habitam a hospitalidade

É o capital homicida a invadir a mata
A violar os direitos do homem
Que antes cantara:
“Minha Terra tem Pindaíba...”

Duro de Matar

A sobrevoar um complexo da cidade
O colibri de aço alcagueta o delito
Anexo ao transitar do laborioso
Que não se afeta

E denuncia em rede local
A sede do que recepta o mobiliar
Sem dar ao pobre oficial
O direito de comprar

É a realidade da sociedade dos pobres
Que pelo descaso é sufocada
A ser surrupiada pelos nobres covardes,
Os vampiros da velha-guarda

É a cupidez do homem
Que se aperfeiçoa na arte de roubar
A fazer escolas de vermes
Duro de matar

Dia de Caveirão

Eu saí pra comprar livro
E quando voltei eu vi a morte
A má sorte de quem saiu
E foi comprar pão

Eu saí pra comprar livro
E quando voltei eu vi a morte
A má sorte do barbeiro
Que afiava as mãos

Eu saí pra comprar livro
E quando voltei eu vi a morte
A má sorte dos meus sonhos
E da minha inspiração

A vida deveria ser como um livro de ficção
O menino estaria a vender pipocas
Ao final do dia, varrer-se-ia a barbearia
E no espaço literário, eu cantaria

Estrada da morte

Uma estrada escura cercada de camboatás
A combinar com o verde dos fardados
Assusta os inocentes que estão a passar
Pois há um estande de tiros ao ar livre

Os calibres são diversos nas mãos de soldados
Os que foram obrigados a servir a pátria
Os que se alistaram no exército paralelo
E os que atiram antes do mandado

O artista negro que está a passar
Grita com seus braços de apelo
Mas o pelotão dispara dezena de balas
A destruir seu canto popular

E há um paradoxo nesta estrada
Quem deveria escudar o cidadão
É o que mata o sonho do trabalhador
Que se aplica para ganhar o pão

Falácias

Há muito tempo que existe a falácia
Uma forma de alguém, ludibriar
Fazê-lo a forma interpretar
Para que tantos aceitem um fato

Há os boatos a virar a publicidade
Há a mídia a escolher o tema
Há os que falam a verdade
Há os que sujam o emblema

Na palma da mão há os monitores
Que ao expositar episódios
Dominam os atores a caminho do pódio
Entretanto, ninguém chega além

Somente quem sobe ao palco
E tem um discurso de textos falazes
Enquanto o mundo ouve vagas palavras
A ser jogadas aos ares

Os ovos de ouro

Sob o solo da escola do Papa
Há um buraco que cresce
E enriquece uma granja
A cada pá da ração

A galinha poedeira se agacha
Pois todo dia é dia,
Sob o olhar do galo,
Colocar os seus ovos de ouro

Não se pode apagar a luz
É o que conduz ao tesouro
E se houver escuridão
Encerrar-se-ão o que se produz

O tapar do buraco é outra metáfora
É a possibilidade dos ganhos
É a mais produtiva das aves
A pôr de novo o ovo dos sonhos

Amazônia, um pedaço de mim

Há tantos séculos estão a me despelar
Desde que o mar me traiu
Trouxe as naus dos homens maus
Que a minha riqueza os atraiu

Os utensílios do homem bravo
Coagiu os meus filhos
A trocar a imagem de narciso
Pelo trabalho escravo

Eram os meus pelos rosados
A ser depilados pelos serrotes
Depois, carregados ao meu traidor
Pelos braços dos negros fortes

E um extenso meu pedaço,
A menina dos olhos do mundo,
Sempre foi explorado
Pelos poderosos vagabundos

Sobrevivi

Quando me ajoelho diante de ti
Eu sempre choro a te pedir perdão
Pois sinto sobre a minha cabeça a sua mão
No simples gesto de amor

É o cuidado ao filho que deixou nascer
Quando a vida disse não
Mas o Senhor me deixou viver
No meio dos homens são

E sobrevivo sob o seu olhar
Pois vejo a sua sombra durante o meu caminhar
E tenho a certeza que minha anca de rodas
Jamais se quebrará

E se não houver o amanhã?

Não apresses o amanhã
Viva o hoje tão descomedidamente
Para que o ontem deixe saudades
Da quantidade de prazer

Tolere os alaridos da madrugada
Para que o som do começar do dia
Seja o de uma sinfonia de amor
A vir dos bichos de seda

Não retenha o suor da vontade
Conceda seus braços
Desabroche as flores
Com o calor de seus abraços

Viva com veemência a cada instante ...

Poesia

*A poesia me faz magnânimo
Limpa os meus dissabores
E as minhas vinganças
A me tornar amoroso*



RAMOS, Edimilson

*As letras invadem minha mente
E conduzem meus dedos
A formar assonância
Nos versos que mentem*

*E o meu coração se põe a cantar
As estrofes de estranhos refrãos
que embelezam a minha arte
que atraí os olhares da multidão*

*E me sinto um ser figurado
Verossimilhante, próximo da realidade
Pois também sou declamado
Sou mentira ou verdade*